

## **A Criança com Transtorno do Espectro Autista e a Mediação Pedagógica: influências da afetividade no processo de aprendizagem escolar**

Izabela ferreira da silva

*Universidade de Pernambuco-UPE*

### **Resumo**

Com vista as práticas lançadas numa perspectiva inclusiva nas escolas, observa-se a necessidade da harmonia entre diversos fatores que podem contribuir para o sucesso da aprendizagem da criança autista, entre estes concebemos fundamental a atuação do mediador pedagógico. Desse modo, a pesquisa qualitativa é fruto de observação não participante e contou com procedimento de entrevista semiestruturada na busca por entender quais os impactos da afetiva frente ao processo de aprendizagem, concluindo parcialmente que o afetivo tem maior êxito quando a formação permanente é efetiva nesse percurso.

Palavras-chave: Autismo, Afetividade, Mediador.

## **Introdução**

O ambiente educacional é um espaço contemplado com diversos tipos de relações, sendo elas harmônicas ou conflituosas, de aprendizagens e/ou ressignificação do conhecimento, é o espaço onde podem ser identificados vínculos significativos estabelecidos entre profissionais e aprendentes.

Com isso, este trabalho parte do pressuposto de que toda relação é afetiva, e essa reflete no processo de aprendizagem. Nesse caso especificamente tem-se como ponto central a relação entre a criança com autismo e o mediador no processo de desenvolvimento escolar nos anos iniciais do Ensino Fundamental, observando as práticas e a interferência desse profissional no contexto da sala de aula, diante das possibilidades de aprendizagem.

Tendo em vista o contexto histórico da legislação ainda recente em termos de inclusão explícita, podemos destacar a declaração de Salamanca que trata da importância do envolvimento social para a efetivação dessas práticas pois educação “...requer a cooperação das famílias e a mobilização das comunidades e de organizações voluntárias, assim como o apoio do público em geral” (SALAMANCA, 1994, p).

Logo mais, novas conquistas surgem e em 2001, com a Convenção de Guatemala, o Brasil estabelece os princípios da educação numa perspectiva inclusiva como parte de política educacional. E uma década mais tarde é firmada a Lei nº 12.764/12, que em seu Art. 7º define que as crianças com Necessidades Educacionais Especiais (NEE) possuem igual direito de acesso à escola.

Posteriormente a lei brasileira de inclusão – Lei nº 13.146/15, deixa claro que toda e qualquer escola deve dar condições de acesso e permanência a

qualquer indivíduos, atendendo a suas necessidades por meio de adaptações para que este possa gozar de seus direitos sociais.

O tema de pesquisa surge a partir da experiência como acompanhante especializado, e sabendo que é de direito legal, mas considerando que esse profissional ainda não conta com uma função exata, ou mesmo delimitação de tarefas o que por vezes lhe sobrecarrega e/ ou o faz muito mais próximo dessa criança.

Considerando essa conjuntura e permeada por indagações referentes à educação inclusiva no município de Garanhuns, objetivamos através dessa coleta de dados compreender como se dá a relação da criança com autismo e seu mediador, e as interferências dessa relação para o desenvolvimento escolar deste estudante, através da observação do relacionamento entre criança com autismo e o professor de apoio no contexto da sala de aula, analisando as práticas interventivas desse profissional de apoio na execução das atividades pedagógicas realizadas pelo estudante autista, numa tentativa de compreender o contexto relacional estabelecido.

Desse modo, a escola campo de pesquisa encontra-se, entre os critérios elencados no projeto de pesquisa por atender a uma maior quantidade de crianças com autismo, destinando até 30% das vagas por turma para crianças com NEE, e mediador(a) com acompanhamento desde o início do ano letivo, e criança verbal nos anos iniciais do Ensino Fundamental, e essa escola foi a que melhor se colocou.

Diante do tema abordado muitas questões se situam em mente, tais como, até que ponto essa relação afetiva pode influenciar no desenvolvimento do estudante com autismo? Essa relação influencia, positiva ou negativamente, explora os conteúdos escolares, acompanhando ao currículo dentro das possibilidades da criança, contribui no desenvolvimento da autonomia e independência social? O profissional de apoio é de fato especializado, e essa formação é oferecida pela Secretaria de Educação de Garanhuns (SEDUC)? No

intuito de mostrar em casos específicos o grau de influência nessa relação afetiva e a mediação pedagógica dentro das escolas municipais de Garanhuns.

Levando em consideração que segundo Wallon (2003), é inconcebível considerar relações dissociando-as de valores afetivos que rodeiam a criança desde o berço quando sua comunicação é estabelecida por gestos e expressões, onde o adulto precisa fazer a leitura desse comportamento para entender sua necessidade e evolução mental, uma ação determinante. Assim, se fazendo relevante perante a escola, no sentido de valorização dos acompanhantes especializados, tratar sobre a importância da formação adequada, e o respeito ao desenvolvimento dessa criança. Como também de mostrar numa visão geral, como atua a afetividade diante da aquisição de conhecimento da criança. Havendo assim uma maior atenção no sentido de valorização da expressão e subjetividade. Possibilitando a família, docentes e demais envolvidos considerar o aspecto, e a interação proporcionando um espaço de compreensão para ambas as partes.

## **Metodologia**

A pesquisa é de cunho qualitativo que “se ocupa, nas questões Ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ou não poderia ser quantificado. Ou seja, trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças dos valores e das atitudes” (DESLANDES; GOMES; MINAYO, 2012, p. 21).

Na perspectiva de *estudo de caso* que trata-se de um estudo mais específico ou detalhado de uma determinada situação, contexto ou realidade, buscando a fidelidade dos fatos, uma maneira de se fazer a pesquisa investigativa com fenômenos atuais dentro de sua realidade, observando fenômeno e o contexto que se apresentação claramente estabelecido.

Através da *observação não participante*, que considerado um processo por onde a pesquisa se compromete a ficar em estado de observação do contexto social observador investigando cientificamente o contexto Deslandes (2012).

O primeiro passo para desenvolver a pesquisa foi elaborar um projeto que contivesse todas as pretensões para então nortear todo o trabalho. Em seguida foi o momento de recorrer aos órgãos competentes da rede municipal em busca da autorização-encaminhamento para uma escola, essa deveria ser referência no atendimento de crianças com autismo, assim com o encaminhamento em mãos é chegado o momento de pisar em campo para observar as questões que circundam a relação-afeto-autismo.

Na escola o primeiro contato foi de apresentação e esclarecimento da proposta de pesquisa, tida como instrumento de valorização do profissional mediador, seguida de uma conversa breve sobre os casos acompanhados pela escola e algumas considerações a respeito de cada um. O objetivo inicial era trabalhar fazendo um estudo de caso com apenas uma criança, mas tendo em vista a presença de outra criança de uma sala vizinha despertou nosso interesse.

A escola campo de pesquisa atende ao público dos anos iniciais do ensino fundamental, e as salas contempladas com a pesquisa foram as do 2º e 4º ano. A primeira conta com uma professora titular e uma professora de apoio, já a segunda uma professora regente e um professor de apoio e ambas com o quantitativo de 30 estudantes. Na turma do segundo ano a criança observada é uma menina enquanto a do quarto ano é um menino.

Utilizamos as ferramentas, que foram a entrevista semiestruturada no final da pesquisa, o diário de bordo que auxiliou durante todo o processo com registros e impressões acerca das ações observadas

### **Considerações Finais**

Levando em consideração os aspectos apresentados, onde a pretensão era investigar o campo relacional entre mediador e criança com autismo, onde é entendido por afetividade as energias destinadas a relação desenvolvida entre

indivíduos, sendo elas expressas em relações de harmonia ou não. Concebendo que os expostos são recortes de uma pesquisa de conclusão de curso, foi possível explorar campos de relevância no percurso das aprendizagens da criança inseridas, sendo um deles a formação permanente, a qual não fazia parte do currículo dos profissionais observados, apesar de ser um dos princípios para a atuação do “acompanhante especializado”, como também o mínimo de oportunidades de aprendizagens que podem ser oferecidas a qualquer público, mesmo não sendo amplamente disponibilizadas que sejam parte das inquietações desse mediador, a sua autoformação. Outro aspecto relevante foi a discussão de gênero no magistério que passou a ser pensado posteriormente, já no exercício da pesquisa, porém, sem tempo hábil para ser desenvolvido no presente trabalho, podendo ser abordado em produções posteriores.

Nessa vertente, houve uma afirmação dos estereótipos por parte de Elsa enquanto mulher, quando se coloca no lugar de cuidadora, valorizando a amorosidade assistencial. Paralelo a isso, na fala de Bento observamos a quebra de paradigmas, ao compreender que ele como homem construído socialmente trabalha com suas aptidões afetuosos, a preocupação com o vínculo que estabelece, vista como mais produtiva, como também a preocupação com o percurso das habilidades, mostrando além do profissionalismo o direcionamento de suas energias em busca do bem estar de Pedrinho.

Partindo do princípio de que os primeiros contatos sociais que o indivíduo dispõe é com seus pares e no seio familiar, essas relações costumam ser de larga escala afetiva, e que posteriormente devem encontrar nestes outros espaços o lugar de motivações que lhe permitam diferentes contatos. Desse modo trazemos o conceito de interações sociais discutido por Vigotsky (1994) onde, por sua vez, ele defende que é através da interação com o outro que a criança incorpora os instrumentos culturais.

Esse processo de interação será possível quando as práticas e/ou ações facilitarem os caminhos do conhecimento, independentemente de ser homem ou

mulher, com a preocupação e crença nas suas possibilidades. Entende-se que cada pessoa possui suas singularidades, que devem ser valorizadas e estimuladas, num ambiente de valorização, afetividade e respeito pelas diferenças. Pois, na gramática da inclusão, como refere Burbules, não existem diferenças entre surdos, negros, brancos, inteligentes, pessoas com deficiência... Há diferentes surdos, negros, brancos etc., que estão diferindo sempre, sempre e sempre. Sendo cada um de nós, diferentes pessoas na busca constante por seu lugar e reconhecimento nesse seletivo campo social.

### **Referências**

**BRASIL. Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista.** Brasil, 2008.

**BRASIL. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência).** Brasil, 2015.

**BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Lei de Diretrizes e Bases da Educação-LDB.** Brasília, DF, 1996.

**CAMPOS, Dinah Martins de souza psicologia da aprendizagem,** por Dinah Martins de souza Campos. 39. ed. - petrópolis, vozes, 2011.

**CHIOTE, F. A. B. – Inclusão da Criança com Autismo na Educação Infantil: trabalhando a mediação pedagógica. – 2ed. – Rio de Janeiro: Wak Editora, 2015. 148p.**

**CODO, Wanderley (coordenador). 4ª. ed. Petrópolis: Vozes / Brasília: Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação: Universidade de Brasília. Laboratório de Psicologia do Trabalho, 2006. 432 p. Educação:**

**carinho e trabalho. Burnout, a síndrome da desistência do educador, que pode levar à falência da educação**

CUNHA, Eugênio. **Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família** ed. Wak, 2015.

Deslandes, Suely Ferreira. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**/Suely Ferreira DESLANDES, Romeu Gomes; Maria Cecília de Souza Minayo (organizadora). 31.ed.-Petrópolis, RJ : Vozes, 2012.

Freire, Paulo. 1997- **Professora sim,tia não cartas a quem ousa ensinar**-ed Olho d'água.

GALVÃO, I. Henry Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. Petrópolis: Vozes, 2003. (Coleção Educação e Conhecimento)

**GUATEMALA – Convenção da Organização dos Estados Americanos. República da Guatemala, 2001.**

Gratiot-Alfandéry, Hélène. Henri **Wallon / Hélène Gratiot-Alfandéry**; tradução e organização: Patrícia Junqueira. – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/me4686.pdf> acesso em 10.10.17

**JOMTIEN – Declaração Mundial sobre Educação para Todos: satisfação das necessidades de aprendizagem.** Tailândia, 1990.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: Ensaios sobre sexualidade e teoria queer.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004. Disponível em

<https://docs.google.com/document/d/1155EyDyxgZy9TFyu1TksIwhla0165yhgaV76kjmXW74/edit> acesso em: 29.11.17

MARI, J. J, O que é Autismo ou Transtorno do Espectro autista? Autismo & Realidade disponível em: <http://autismo.institutopensi.org.br/informe-se/sobre-o-autismo/o-que-e-autismo>

MANTOAN. Maria Teresa Eglér **Inclusão escolar : o que é? por quê? como fazer?** / Maria Teresa Eglér Mantoan. — São Paulo : Moderna , 2003. — (Coleção cotidiano escolar)

ORRÚ, Sílvia Ester, **Autismo, linguagem e educação: interação social no cotidiano escolar/Sílvia Ester Orrú.** 3. ed.- Rio de Janeiro : Wak Ed., 2012

SALAMANCA, **Declaração de Salamanca: sobre princípios, políticas, práticas na área das necessidades educativas especiais.** Espanha, 1994.

VIGOTSKY, Lev. Semenovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos.** 7ª. ed . São paulo: Martins fontes 2007.